

MULHERES NEGRAS INELECTUAIS E SEUS CABELOS

Data de aceite: 03/04/2023

Claudia Aparecida do Nascimento e Silva

Doutoranda em Educação pela
Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
Campo Grande, MS.
<http://lattes.cnpq.br/7224750685109952>

Luzia Aparecida do Nascimento

Mestranda em Educação pela
Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
Campo Grande, MS.
<http://lattes.cnpq.br/1740244456714724>

RESUMO: O artigo apresenta resumidamente biografias de três mulheres negras que foram referências importantes na história do Brasil e discute a questão étnico-racial pelo viés da estética do cabelo, evidenciando como intelectuais negras lidam com o processo de transição capilar. Ao analisar as respostas, considera que o cabelo crespo, para estas mulheres, significa empoderamento, subversão e enfrentamento.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Negras; Transição Capilar; Empoderamento.

INELCECTUAL BLACK WOMEN AND THEIR HAIR

ABSTRACT: The article briefly presents biographies of three Black women that were relevant references in Brazil's history. It discusses the ethnical-racial issue based on hair aesthetic, showing how Black intellectuals deal with hair transition processes. After analyzing the participants' answers, it considers that, for these women, curly hair means empowerment, subversion, and confrontation.

KEYWORDS: Black Women; Hair Transition; Empowerment.

1 | APRESENTAÇÃO

O comportamento de mulheres negras em processo de transição capilar tem chamado nossa atenção, de fato este processo pode ser altamente gratificante para essas mulheres, mas, o início deste período é tenso, incerto e doloroso para a maioria delas.

Este artigo discute a questão étnico-racial, pelo viés da estética, de forma particular, a estética do cabelo de mulheres negras. O estudo proposto estará

evidenciando como a mulher negra lida com o processo de transição capilar, ou seja, como ela enfrenta a nova situação de não alisamento do cabelo, assumindo-o de forma natural, encarando uma nova conduta que pode estar comprometida com sua própria origem de matriz africana.

Para adentrar nessa discussão sobre mulheres negras e seus cabelos, apresentamos, na primeira parte do escrito, histórias vividas por mulheres negras, que tiveram que tomar grandes decisões desde o Brasil colonial, sobre os destinos de seus próprios corpos e também sobre os destinos (das vidas) de seus descendentes, lutando pela sobrevivência, pelo direito à liberdade e ao bem viver, como fizeram Carolina de Jesus, Antonieta de Barros e Teresa de Benguela.

Na primeira seção apresentamos as biografias dessas três grandes mulheres. Poderíamos ter optado por tantas outras personalidades negras que fizeram história e deixaram seus legados, mas, por hora, essas três nos bastam. Aqui representam todas as mulheres deste Brasil imenso e diverso, desde o período escravocrata colonial aos escombros dos lixões metropolitanos de Minas Gerais.

A segunda e a terceira parte respectivamente apresentam a questão da estética feminina no Brasil, com foco no cabelo das mulheres negras. Utilizamos os depoimentos dessas mulheres¹ sobre suas experiências nos processos de transição capilar e apresentamos nossas próprias experiências, enquanto mulheres negras intelectuais.

Analisando cada uma das respostas apresentadas e buscando compreendê-las, damos sentido às nossas próprias experiências, tão semelhantes, tão peculiares. A negrura nos une e a intelectualidade nos destaca!

Entrevistamos as mulheres negras intelectuais, que passaram pelo processo de transição capilar, destacando o que experienciaram, como foram acolhidas nesta decisão, os ensejos que as motivaram e principalmente como enfrentaram possíveis provocações.

Para a escrita deste artigo decidimos utilizar como aportes teóricos principais, mulheres negras, intelectuais, pois sobre um tema tão peculiar, com recorte especificamente feminino, as escritoras negras (Nilma Lino Gomes, Bell Hooks, Neusa Santos Sousa, e outras) são importantes referências para nós.

2 | PERSONALIDADES NEGRAS: HISTÓRIAS QUE NOS APROXIMAM

Ser mulher negra no Brasil significa sofrer uma violenta desigualdade, em todas as dimensões, mas, principalmente no campo profissional. O salário médio da trabalhadora negra continua sendo menor que o da trabalhadora branca, mesmo quando sua escolaridade é similar à escolaridade de uma mulher branca. A diferença salarial gira em torno de 40% a mais para esta, estes vieses da injustiça e da opressão fazem com que nossas histórias se aproximem das histórias dessas três mulheres: Carolina de Jesus, Antonieta de Barros

¹ Foram entrevistadas nove mulheres negras intelectuais, escolhidas por este motivo: a intelectualidade.

e Teresa de Benguela.

Como representante do Centro-oeste brasileiro e, de forma específica do estado do Mato Grosso, queremos nos reportar à história de Teresa de Benguela para o início deste diálogo. Uma narrativa que muito nos orgulha e nos faz ter esperança, nos termos aludidos por Paulo Freire, do verbo *esperançar*².

Teresa de Benguela viveu nas terras mato-grossenses, localizadas a aproximadamente 600 km da capital Cuiabá, às margens do rio Guaporé, hoje denominada Vila Bela da Santíssima Trindade, que foi primeira capital do estado de Mato Grosso, dos anos de 1752 á 1820. Vila Bela teve um grande destaque político e econômico, garantindo a expansão e a preservação do território fronteiriço. Por falta de registros mais precisos, de sua origem Tereza de Benguela é apresentada de forma ambígua pelos historiadores. O que se sabe a seu respeito é que comandou o Quilombo do Piolho, por aproximadamente 20 anos.

Vivenciou ali juntamente com seu esposo José Piolho e com os negros que viam fugidos das minas de ouro e das fazendas, também abrigava indígenas que fugiam dos trabalhos forçados, era um quilombo multiétnico. José piolho liderou o quilombo nos anos de 1740, mas após sua morte a rainha Tereza de Benguela acaba por assumir este posto, seu comando começa nos anos de 1750 e perdura até ao ano de 1770, no seu comando houve um aumento na produção de milho, mandioca e outros alimentos que serviam para alimentar as 200 pessoas livres que moravam no quilombo, mas também para fazer troca com comerciantes que se encontravam nas proximidades, e o cultivo de algodão quais faziam tecidos e vestimentas para todos os integrantes do quilombo. (LACERDA, 2019, p. 90)

Teresa de Benguela lutou com bravura e dignidade, reconhecendo o valor do seu povo, após a morte de seu companheiro, José Piolho, morto por soldados, assumiu definitivamente o comando do quilombo do Piolho, também conhecido como Quariterê. Administrou socialmente e economicamente com mãos de ferro, mãos de quem sabe exatamente o valor de uma vida e a importância de se manter a existência negra de todo o povo que estava sob sua guarida. Nós, mulheres negras, sabemos o que significa lutar pela vida a cada dia diuturnamente, provando permanentemente nossa capacidade, competência e honestidade, o tempo todo e para todos.

Fontes históricas atestam que o quilombo Quariterê foi local de fuga para escravos —homens e mulheres— e abrigo de povos originários por aproximadamente duas décadas. Possuía organização política sofisticada na tomada de decisões e foi capaz de criar condições especiais de sobrevivência para todos que nele viviam. (SANT'ANNA, 2022, P.1)

O destino final da nossa irmã³Teresa de Benguela é incerto, pelos mesmos motivos

2 É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar*; porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*. E esperança do verbo *esperar* não é *esperança*, é *espera*. *Esperançar* é se levantar, *esperançar* é ir atrás, *esperançar* é construir, *esperançar* é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, *esperançar* é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (FREIRE, 1992)

3 Quando nos referirmos às mulheres negras aqui neste texto, vamos usar nossa familiaridade com os desafios co-

que são incertos os dados sobre sua origem, a falta de registros sobre as pessoas negras na época é mais um sinal da indiferença com que eram tratadas pela sociedade da era oitocentista. Existem duas hipóteses para a sua morte, uma diz que foi brutalmente assassinada e outra diz que cometeu suicídio se jogando em uma pedreira na iminência de ter caído em uma emboscada.

Mas, o que nos move neste relato é a questão da coragem, determinação e capacidade administrativa desta guerreira que não mediu esforços para defender os seus num momento em que a linha tênue entre a vida e a morte de pessoas negras era ainda mais pulsante.

Nesta perspectiva, acreditamos que a história de vida de Tereza de Benguela é de suma importância para a construção de uma representatividade negra no Brasil, e também, é uma forma de se combater o imaginário de que a população negra sempre foi muito passiva no período escravista. (LACERDA, 2019, p. 89)

A história de Teresa de Benguela, foi lembrada pela Escola de Samba Unidos da Viradouro em 1994 na avenida do samba-enredo do carnaval do Rio de Janeiro, com o lindo epíteto: “Rainha do Pantanal”.

A segunda mulher homenageada neste artigo é Carolina de Jesus,

Dentre os muitos personagens escolhemos Carolina Maria de Jesus (1914-1977), nascida, em 1914 na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais e lá permaneceu até 1937, quando migrou para São Paulo em busca de novas oportunidades. (AZEREDO, 2018, p. 25)

Autêntica representante do sudeste negro brasileiro e, de forma específica do estado de Minas Gerais, “Carolina Maria de Jesus, desde seu nascimento enfrentou inúmeras dificuldades, pelo fato de ser mulher e negra, e ao chegar em São Paulo, do final da década de 1930 teve uma nova identidade acrescida, a de favelada.” (AZEREDO, 2018, p. 25). A história desta pérola negra de tão interessante chega a causar espanto pela singularidade do caso. Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, no dia 14 de março (data provável) de 1914, foi encontrada por um jornalista, que cobria uma reportagem sobre o lixão que a mesma habitava regularmente em busca de suprimentos para sua subsistência e a de seus filhos. Trata-se do jornalista Audálio Dantas, que em 1958, quase por acidente descobre os escritos de Carolina e encaminha para publicação.

Carolina estava em uma praça vizinha à comunidade, quando percebeu que alguns adultos estavam destruindo os brinquedos ali instalados para as crianças. Sem pensar, ameaçou denunciar os infratores, fazendo deles personagens do seu livro de memórias. Ao presenciar a cena, o jovem jornalista iniciou um diálogo com a mulher que possuía inúmeros cadernos nos quais narrava o drama de sua indigência e o dia-a-dia do Canindé. Dantas de imediato se interessou pelo “fenômeno” que tinha em mãos e se comprometeu em reunir e divulgar o material. (LITERAFRO, 2021, p.1)

muns, tomando a liberdade de considerá-las como irmãs, confirmando a afinidade permitida por nossa ancestralidade.

Carolina de Jesus vai do inferno ao céu, em pouco mais de três meses, quando se torna uma revelação na produção literária denunciando e retratando a situação escabrosa em que vivia juntamente com seus filhos e os demais moradores da região. Carolina foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do país. Entre seus livros mais conhecidos destaca-se “Quarto de Despejo”⁴ (1960), depois publicou também *Casa de alvenaria* (1961); *Diário de Bitita* (1986) e *Meu estranho diário* (1996). De acordo com a Revista *Quatro Cinco Um*, nº 48, (2021) *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*, virou *best-seller* e foi vendido em 40 países e traduzida para 16 idiomas.

Sob forte holofote, Carolina atraiu ricos, pobres, príncipes, empresários, artistas, gente de bem e oportunistas, travestidos de bons-moços. Em pouco tempo, passou a ser a atração mais requisitada em passeatas reivindicatórias, fossem de policiais militares, fossem de protestos cívicos [...]

Em 2017, essa brilhante história foi registrada por Tom Farias em *Carolina - Uma Biografia*, publicada pela editora Malê.

E para enaltecer ainda mais a mulher negra brasileira, apresentamos uma breve biografia de Antonieta de Barros além de jornalista e professora, foi a primeira deputada estadual negra do país, filha de uma ex-escravizada, e a primeira deputada mulher do estado em que nasceu, Santa Catarina, quebrando estereótipos relacionados à etnia, classe social e gênero.

Antonieta foi uma mulher atuante, quer escrevendo ou lecionando. Mas penso ter sido na política o seu maior destaque, visto que inédito e não repetido, pelo menos até o momento, causando admiração e curiosidade. Foi eleita Deputada Estadual em 1934, portanto, logo no primeiro pleito após ter-se concedido o direito de voto às mulheres. Em Santa Catarina, foi a única mulher negra a ascender e ocupar a Cadeira na Assembléia Legislativa. Vale discorrer que na época de seu feito, tal espaço e cargo eram tidos como prerrogativas masculinas. (NUNES, 2001, p.96)

Neste sentido, Antonieta⁵ de Barros, estatisticamente, pode ser considerada uma exceção, pois quase que miraculosamente, estava alfabetizada em uma época da história do Brasil em que estariam habilitados ao voto somente os brasileiros alfabetizados, maiores de 18 anos. Ascender a tal condição não parece ter sido tarefa fácil.

Reitero que escrever sobre Antonieta, não é apenas falar da mulher e da professora, mas também refletir e escrever sobre a pessoa pública que exerceu dois mandatos eletivos na Assembleia Legislativa. Nos discursos Antonieta

4 Quarto de Despejo – editado pela primeira vez em 1960 tornou-se fenômeno editorial atingindo a vendagem de 10 mil exemplares, nos três primeiros dias de lançamento, na cidade de São Paulo. Outros noventa mil foram distribuídos nos primeiros 6 meses. Foi traduzido em 13 idiomas e publicado em mais de 40 países. Os números, portanto, são extraordinários, até mesmo para os padrões atuais, que não ultrapassam 3 mil exemplares. O livro foi reeditado em 1976 e 1998. (Fonte: Azeredo, 2018)

5 Para melhor conhecer sobre Antonieta de Barros indicamos a Tese: “Nos Passos de Antonieta: Escrever uma vida”. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/93991/282740.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

legislava em favor de sua classe profissional: o magistério, em prol de uma qualificação profissional das moças e mulheres da cidade, da organização da instrução pública e pela instituição de concursos públicos para os cargos de diretor de grupo escolar; combatendo, na medida do possível, o favorecimento na roda viva dos cargos públicos e do apadrinhamento político. Sua atividade política estava diretamente voltada para o tema educação. (FONTÃO, 2010, p. 185)

Por toda a ousadia de sua história, atuação política e notoriedade em sua época é que consideramos importante trazer para este escrito Antonieta de Barros, que muito nos orgulha e nos faz acreditar cada vez mais no potencial da mulher negra em sua intelectualidade.

3 | (NÃO) ALISANDO NOSSOS CABELOS: A PERSPECTIVA DAS INTELLECTUAIS NEGRAS

A pesquisa aqui apresentada teve como participantes mulheres negras intelectuais. Consideramos essas mulheres intelectuais primeiramente tomando como base o nível de formação⁶ de cada uma delas. No entanto, em consonância com Bell Hooks, jamais pensamos no trabalho intelectual divorciado da política do cotidiano e da militância social. Pensando nisso, escolhemos dialogar com essas mulheres, elegidas cuidadosamente, para dar visibilidade a cada uma delas e a nós mesmas, problematizando nossos dilemas comuns. “Impossível que floresçam intelectuais negras se não tivermos uma crença essencial em nós mesmas”. (HOOKS, 1995)

Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, tornando o domínio intelectual um lugar interdito. [...] O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela esta neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural, orgânica, mais próxima da natureza animalística e primitiva. (HOOKS, 1995, p.468)

Buscando formas alternativas de superar toda essa situação de subalternização das mulheres negras, inclusive das intelectuais, encarando o patriarcado capitalista, o sexismo e o racismo, foi que tomamos a decisão de tecer esta reflexão não sobre a mulher negra, mas com a mulher negra.

A questão do cabelo crespo das mulheres negras já foi teorizada, discutida, cantada, problematizada e pesquisada, em diferentes perspectivas, mas continua sendo um tema caro para nós, e ainda suscita grandes reflexões. Aqui trazemos nossas próprias

⁶ Das nove entrevistadas, duas são doutorandas, uma possui mestrado, quatro são especialistas em suas respectivas áreas, e outras duas possuem nível superior completo. Também nos juntamos a elas, como doutoranda e mestranda em educação.

experiências e as experiências de nove intelectuais que passaram pela “prova” da transição capilar, e, de alguma forma saíram mais firmes e confiantes. Sobre este tema, a professora Nilma Lino Gomes realizou uma pesquisa em quatro salões étnicos da cidade de Belo Horizonte.

Nesta pesquisa, o cabelo do/a negro/a é considerado não de maneira isolada, mas dentro do contexto das relações raciais construídas na sociedade brasileira. Estas são o pano de fundo sobre o qual as representações negativas sobre o negro, assim como as estratégias de reversão destas se realizam. O entendimento desse contexto revela uma complexidade: o cabelo crespo e o corpo negro só adquirem significado quando pensados no cerne do sistema de classificação racial brasileiro. (GOMES, 2008, p.1)

Quando pensamos em corpos negros e cabelos crespos, estamos dando significado a um vasto território de subjetividades, concepções e discursos. Pensar em corpo negro e cabelo crespo num sentido político envolve pensar também no valor identitário nestas duas perspectivas: corpo negro e cabelo crespo e na dinâmica social que envolve estas questões no contexto histórico brasileiro.

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário. (GOMES, 2003, p. 174)

Na primeira problematização sugerida às intelectuais⁷ negras, nos reportamos às implicações diretas do processo de transição capilar em suas vidas. As declarações de cada uma delas se convergem em muitos pontos e se entrecruzam com as nossas próprias verdades. Nas respostas de todas as entrevistas, percebe-se uma sensação de libertação, que é realmente o que sentimos, quando da nossa passagem por esse processo.

A princípio é difícil de explicar. O que sabemos é que, algo muito forte nos invade por inteiro, algo inexplicável, um turbilhão de emoções que se misturam: medo, ousadia, ansiedade. E com o tempo, todos esses sentimentos parecem se assentar no nosso interior, se ajustando, em seu tempo, até se acomodarem perfeitamente, passando a fazer parte da nossa constituição física e subjetiva. Como declara a professora Edinalva Maria, em entrevista (2022):

“Embora tenha sido difícil no início, foi muito importante e libertador, pois me senti mais independente ao perceber que tinha outras opções e que eu podia usar de vários mecanismos para passar pelo processo de transição de maneira confortável e de bem com o espelho”.

Assim como Ednalva, podemos afirmar que não foi uma decisão fácil pra nós, pois queríamos aprovação, precisávamos de aceitação, de alguém que nos dissesse: “Ta linda com esse novo visual!” E não é fácil encontrar alguém que diga isso, a não ser que seja

7 Duas dessas intelectuais à época da transição capilar eram cabeleireiras de profissão, passando por duplo desafio: aderir aos cabelos naturais crespos e lidar diariamente com suas clientelas na aplicação de químicas diversas utilizadas nos processos de alisamento capilar.

alguém que tenha conhecimento ontológico e epistemológico de todas as implicações que levam mulheres negras a recusarem suas pertencas étnico-raciais, alterando a estrutura do próprio cabelo.

De acordo com Bell Huks (2014, p.1)

Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos –, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa autoestima.

Essa imitação muitas vezes é inconsciente, quando pensamos de forma superficial a respeito dessa decisão de alisar os cabelos, entendemos que é só uma questão de aparência, de querer ficar mais bonita... Entretanto, é muito mais que isso, é uma busca silenciosa pela aparência do grupo branco. Ou seja, da mulher branca, considerada bela, sensível e atraente.

Quando se decide por não mais alisar os cabelos, nós mulheres negras passamos por alguns enfrentamentos, e o que mais nos afeta é o olhar reprovador das pessoas, inclusive das pessoas mais próximas, que por um sentimento amoroso e por um dever de proteção, chegam ao ponto de assegurar que com cabelos alisados ficamos mais bonitas e atraentes. Esse medo da rejeição impugnada à pessoa amada, que decide assumir sua negritude é um medo racionalizado e justificado, pois, “A maioria de nós não foi criada em ambientes nos quais aprendêssemos a considerar o nosso cabelo como sensual, ou bonito, em um estado não processado” Bell Huks (2011). De fato, a sociedade demonstra verdadeira repulsa por cabelos crespos e se acha no direito de exigir que continuemos alisando nossos cabelos. E faz isso de forma competente, por meio de olhares, declarações e tantas outras atitudes mais sutis.

Saber-se negra é viver experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUSA, 1983, p. 17-18)

Neusa Santos Souza⁸, a quase quarenta anos denuncia a opressão, a sujeição e o processo de branqueamento ao qual a mulher negra brasileira é submetida cotidianamente, mas, também anuncia nosso comprometimento libertário e nossa resiliência de continuar resistindo.

Resistir e superar são o mote de nossas lutas, por isso optamos por interpelar as intelectuais negras, pois o fato de sermos intelectuais já denota superação, nesta sociedade que nos quer na cozinha, na área de serviço, ou, quando muito nas esquinas da

⁸ Neusa Santos Souza foi uma psiquiatra, psicanalista e escritora brasileira. Sua obra é referência sobre os aspectos sociológicos e psicanalíticos da negritude. Inaugurando o debate contemporâneo e analítico sobre o racismo no Brasil (viveu de 1948 a 2008).

prostituição.

As mulheres que participaram desta pesquisa, assim como nós, estão em uma faixa etária entre 36 a 58 anos de idade, do ponto de vista geracional, podem ser consideradas mulheres adultas, e todas exercem uma profissão remunerada. Assim, podemos considerá-las independentes. Somos mulheres negras, intelectuais, profissionais e independentes, e, nos orgulhamos sim, dessa situação, pois chegar a ser o que somos, nessa sociedade eurocêntrica, machista, patriarcal, sexista, não foi, e não é fácil. De acordo com Bell Hooks,

Entre os grupos de mulheres assassinadas como bruxas na sociedade colonial americana as negras têm sido historicamente vistas como encarnação de uma perigosa natureza feminina que deve ser governada. Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas só corpo sem mente. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as mulheres desregradas deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo, sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistos como símbolo sexual, os corpos femininos negros são postos numa categoria em termos culturais, tida como bastante distante da vida mental. Dentro das hierarquias de sexo/raça/classe dos Estados Unidos, as negras sempre estiveram no nível mais baixo [...] em termos sexistas racistas e classistas, como deficientes incompetentes e inferiores. (1995, p.469)

Contudo, continuamos conquistando nosso espaço dia a dia, com resiliência e coragem. Estamos em processo e queremos mais! Quando uma mulher negra diz que quer mais, é porque está se preparando para algo muito maior.

Todas nós passamos, em alguns momentos de nossas vidas, por períodos de desânimo, de desmotivação e recuo. Mas, quando paramos ou recuamos é para analisar o cenário, reconstruir o percurso e avançar com mais assertividade. “Assumir o cabelo crespo dentro da sociedade é uma forma de incômodo para algumas pessoas não negras e aquele ou aquela que insiste em usar seu cabelo de forma natural é vítima de estigma e de exclusão” (ROSA, 2014, p.110). Entretanto, para nós, e para as intelectuais entrevistadas, apesar das dificuldades primeiras, o processo de transição capilar representou autoconhecimento, encontro com nosso eu interior, mesmo quando interferiu na nossa autoestima e nos provocou ansiedade. “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros” (GOMES, 2003. p. 171). No caso de mulheres que se assumem em sua negritude, o desafio é muito maior, porque é preciso, em muitos casos enfrentar a própria família.

O corpo localiza-se em um terreno social conflitivo, uma vez que é tocado pela

esfera da subjetividade. Ao longo da história, o corpo se tornou um emblema étnico e sua manipulação tornou-se uma característica cultural marcante para diferentes povos. Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas. (GOMES, 2003, p. 174).

3.1 O cabelo crespo como linguagem e representação

A segunda questão apresentada às intelectuais negras diz respeito às reações das pessoas que convivem conosco no momento em que decidimos romper com a falsa normatividade de alisar os cabelos. As reações das pessoas são as mais estranhas possíveis e variam desde agir com naturalidade a tentar interferir nessa decisão.

De acordo com a professora Mariene, que é mestra em matemática, por diversas vezes tentaram persuadi-la a voltar atrás em sua decisão:

Recebi de uma prima, uma foto minha de dois anos atrás, com cabelo bem comprido e alisado, e juntamente com a foto ela tentou me influenciar dizendo que fico mais bonita de cabelo alisado, e pedi para que eu trocasse a foto de perfil do *Watts App*. Eu simplesmente respondi para ela que aquela pessoa representada na foto, não era mais eu, não me representava mais. Depois passei a ignorar todas as manifestações que me questionavam pela decisão. (Mariene – Entrevistada em agosto de 2022)

É comum as pessoas tentarem “ajudar” mesmo quando não solicitamos “ajuda”. Muitas se acham no direito de opinar, questionar e sugerir, quando nos parece mais elegante deixarem que tomemos os rumos das nossas decisões, sejam elas quais forem. Como bem disse uma das nossas entrevistadas, a jornalista Luciléia Assunção:

A mulher é livre para alisar, pintar e fazer o que quiser para se sentir feliz. Desde que seja por ela e não por aceitação na sociedade, no emprego ou em um relacionamento. Somos livres para sermos quem queremos ser e ponto final. (Lucélia Assunção – Entrevistada em agosto de 2022)

Neste sentido, Rosana Pereira, especialista em educação e técnica do Departamento Estadual de Trânsito de Mato Grosso DETRAN/MT em Várzea Grande afirma:

Gostaria que todas as Mulheres se despissem dessa tortura e prisão que é seguir a sociedade eurocêntrica, devemos resgatar e nos orgulhar de nossas raízes africanas e honrar nossa ancestralidade com todos os apetrechos culturais que são para nosso uso, nosso legado: turbantes, tranças nagô, black, e tudo que quisermos usar para enaltecer nossa cabeleira crespa. (Rosana Pereira – Entrevistada em agosto de 2022)

Não raro, surgem aquelas “almas desavisadas” se esforçando para nos consolar pelo simples fato de termos escolhido assumir nossos cabelos, como eles de fato são: crespos, carapinhas, encaracolados... Muitas vezes nos olhando com olhar de pesar, de desprezo e até mesmo de medo.

A sociedade é perversa com as mulheres. Mais cruel ainda com as negras. E

as que assumem seus cabelos crespos enfrentam diariamente a repulsa incontestável do conservadorismo. Mas estamos dispostas a enfrentar essa perversidade, pois fomos forçadas em meio à insensibilidade e indiferença social, tudo o que queremos é ser nós mesmas, sem pensar no que os outros pensam sobre nossas decisões.

Nossas entrevistas, comprometidas socialmente, também demonstraram preocupação com as novas gerações: “Sinto que temos que cuidar das novas gerações, embora as jovens negras tenham muitas representatividades atualmente, é necessário um olhar mais atento...” (Ednalva – Entrevistada em agosto de 2022). Neste sentido a professora Cristiane Pereira, doutoranda em educação complementar: “É necessário ensinar desde a infância nossas meninas negras a se amarem e compreenderem que seus cabelos são lindos, só assim estaremos garantindo uma valorização das diferenças e respeito ao outro”. (Cristiane Pereira – Entrevistada em agosto de 2022).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste exercício aprendemos muito com nossas irmãs negras intelectuais, parceiras incontestes nas batalhas que travamos dia a dia contra toda forma de exclusão e pelo reconhecimento de nossa intelectualidade. Neste escrito, utilizamos como mote a questão da estética dos cabelos crespos, mas, sabemos que é mais que isso, que a luta é maior e envolve muitas outras dimensões.

Por hora consideramos que o cabelo crespo é o empoderamento que todas nós mulheres negras precisamos assumir como forma de subversão, de enfrentamento. Ensinar para nossas filhas que cada uma tem sua beleza, que tem que ser respeitada e que ruim é o preconceito das pessoas, que excluem por causa da cor da pele ou da estética do cabelo.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Edson Guimarães de. **As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico raciais**. (Dissertação) Mestrado Profissional em Rede Nacional - PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018. 124f.

FRAZÃO, Dilva. Chica da Silva: Escrava brasileira alforriada. **E-biografia**, 22/07/2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/chica_da_silva/. Acesso: 13/08/2022

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, 245 p.

FONTÃO, Luciene. **Nos passos de Antonieta: escrever uma vida**. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura/Teoria Literária. Tese (Doutorado). Florianópolis, Santa Catarina, 2010, 456f.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural. **Revista brasileira de educação**, Set/ Out/Nov/Dez, Nº 21, 2002, p. 40-50.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, jan./jun. 2003, p. 167-182.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf. Acesso: 25/09/ 2022.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro. UFRJ, v.3, n.2, 1995, p.464-478. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>. Acesso: 15/09/ 2022.

HOOKS Bell. Alisando o Nosso Cabelo. **Portal Geledés**, 10/06/2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso: 25/08/ 2022.

LACERDA, Thays de Campos. Tereza de benguela: identidade e representatividade negra. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, Vol. 12, nº 02, 2019, Edição Especial.

LITERAFRO. **Carolina Maria de Jesus**. 05 de Nov. de 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso:

NUNES, karla Leonora Dahse. **Antonieta de Barros**: uma história. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação (Mestrado), Universidade federal de santa Catarina. Florianópolis, SC, 2001.

ROSA, Camila Simões. **Mulheres negras e seus cabelos**:um estudo sobre questões estéticas e identitárias. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), 2014, 145f.

SANT'ANNA, Wania. 25 de julho é de memória, luta e reconhecimento para mulheres negras. **PORTAL GELEDES**, 25/07/2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/25-de-julho-e-de-memoria-luta-e-reconhecimento-para-mulheres-negras/>. Acesso: 25/09/ 2022.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.